



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS

ANA CRISTINA DOS SANTOS

**UM CAVALEIRO MEDIEVAL NO SERTÃO DE GUIMARÃES ROSA: A HORA E
VEZ DE AUGUSTO MATRAGA**

CAMPINA GRANDE – PB
2021

Ana Cristina dos Santos

**UM CAVALEIRO MEDIEVAL NO SERTÃO DE GUIMARÃES ROSA: A HORA E
VEZ DE AUGUSTO MATRAGA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado à Coordenação do Curso
Letras - Português da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de
Licenciada em Letras Português.

Orientador: Prof. Dr. Rinaldo José de Andrade Brandão

CAMPINA GRANDE – PB

2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237u Santos, Ana Cristina dos.
Um cavaleiro medieval no sertão de Guimarães Rosa
[manuscrito] : a hora e vez de Augusto Matraga / Ana Cristina
dos Santos. - 2021.
17 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2021.
"Orientação : Prof. Dr. Rinaldo José de Andrade Brandão ,
Coordenação do Curso de Letras - CEDUC."
1. Ciclo arturiano. 2. Movimentos literários medievais. 3.
Literatura. 4. Literatura brasileira. I. Título

21. ed. CDD B869.3

ANA CRISTINA DOS SANTOS

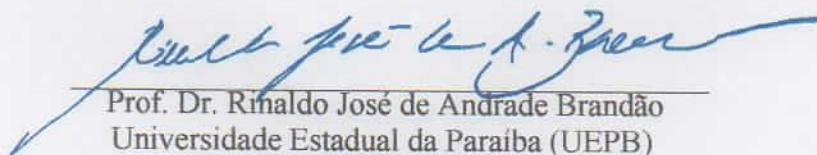
**UM CAVALEIRO MEDIEVAL NO SERTÃO DE GUIMARÃES ROSA: A HORA E VEZ
DE AUGUSTO MATRAGA**

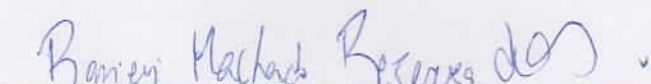
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Letras - Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduação em Licenciatura Plena em Letras Português.

Orientador: Prof. Dr. Rinaldo José de Andrade Brandão

Aprovado em: 04/06/2021.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Rinaldo José de Andrade Brandão
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Ranieri Machado Bezerra de Mello
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dra. Ludmila Mota de Figueiredo Porto
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	METODOLOGIA.....	6
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	7
3.1	<i>Palimpsestos, de Genette</i>	7
3.2	A cavalaria e suas novelas.....	8
4	RESULTADO E DISCUSSÃO	9
4.1	<i>A Hora e Vez de Augusto Matraga</i>	9
4.2	Do medievo ao sertão	11
5	CONCLUSÃO.....	15
	REFERÊNCIAS	16

UM CAVALEIRO MEDIEVAL NO SERTÃO DE GUIMARÃES ROSA: A HORA E VEZ DE AUGUSTO MATRAGA

Ana Cristina dos Santos¹

RESUMO

O período medieval inscreveu na história diversas marcas: o desenvolvimento das ciências humanas, vestes, costumes, fé e nas artes. Dentre desse último, a influência literária se faz presente até hoje. As canções dos heróis medievais que depois passaram à prosa exercem um papel importante nas histórias de cavaleiros, reis e rainhas em nosso presente. O ciclo arturiano, um dos movimentos literários medievais, tem como principal expoente na península Ibérica *A Demanda do Santo Graal* (1989), obra que narra os feitos de Galaaz e seus cavaleiros. Marcada por uma profunda influência do pensamento cristão, suas principais características são vistas em *A Hora e Vez de Augusto Matraga* (2001), conto de Guimarães Rosa. Ciente disso, o presente trabalho tem por objetivo investigar os traços constitutivos na construção do caráter cavaleiresco, evidenciados nas novelas do ciclo arturiano, em particular *A Demanda do Santo Graal* (1989), no constructo do personagem Augusto Matraga no conto de Guimarães Rosa, *A Hora e Vez de Augusto Matraga* (2001). Para tal, serão utilizados também os estudos de Genette (2010), Moisés (2005), Auerbach (2015), Duby (1989), Cardini (1989), Franco (2004), além de outros autores que se façam necessários para o empreendimento da pesquisa.

Palavras-chave: Ciclo arturiano; Movimentos literários medievais; Literatura; Literatura brasileira.

ABSTRACT

The medieval age inscribed in history several marks: the development of the human sciences, clothes, customs, faith and also in the arts. Among the latter, the literary influence is still present today. The songs of medieval heroes, who later became prose, play an important role in the stories of knights, kings and queens in our present. The arthurian cycle, one of the medieval literary movements, has as main exponent in the Iberian region *The Demand of the Holy Grail* (1989), a work that narrates the deeds of Galaaz and his knights. Marked by a profound influence of christian thought, its main characteristics are seen in *The Hour and Time of Augusto Matraga* (2001), short story by Guimarães Rosa. Aware of this, this work aims to investigate the constitutive traits in the construction of the knightly character, evidenced in novels of the Arthurian cycle, in particular *A Demanda do Santo Graal* (1989), in the construct of the character Augusto Matraga in Guimarães Rosa's short story *A Hora e Vez de Augusto Matraga* (2001). To this, will be used the studies of Moisés (2005), Auerbach (2015), Duby (1989), Cardini (1989), Franco

¹ Graduanda em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: anacristinad013@gmail.com

(2004) will also be used, in addition to other authors that are necessary for the research undertaking.

Key-words: Arthurian cycle; Medieval Literary Movements; Literature; Brazilian Literature.

1 INTRODUÇÃO

Ao se pensar em Idade Média é natural que diversas imagens nos saltem à mente: peste negra, Igreja Católica, guerras, reis e rainhas, ou até mesmo a noção de Idade das Trevas. Uma concepção já defasada para a historiografia moderna que reconhece a importância deste período para a formação, sobretudo, do ocidente. Tendo existido por pouco mais de mil anos, diversos elementos oriundos desta época ressoam em nossa contemporaneidade, a título de exemplo, as universidades que surgiram no ano de 1088, ou mesmo, o sistema bancário que se localiza próximo ao fim da Idade Média, em 1404. Franco Júnior (2004) destaca outros objetos ordinários hoje, mas que foram inventados ou difundidos durante esse período, alguns deles são a calça comprida, álcool, garfo, chaminé, dentre outros.

É também no período medieval que as línguas nacionais se desenvolveram e passaram a ter os primeiros traços dos idiomas que se conhece hoje, português, espanhol, francês, romeno etc. Tal transformação foi possível sobretudo através da literatura. De início, as línguas vulgares não tinham o estatuto de literárias, eram apenas faladas e sua formação está inscrita apenas nos registros informais e em alguns documentos. É a partir do início do segundo milênio que o cenário começa a se transformar, ainda que lentamente. Os idiomas nacionais passaram a ser as línguas utilizadas na poesia, enquanto o latim assumia um papel de suma importância dentro dos textos teológicos, filosóficos e científicos.

De acordo com Auerbach (2015),

As línguas românicas, consideradas línguas do povo, pareciam servir apenas para a vulgarização; mesmo a poesia, que nascia pouco a pouco em francês, provençal, italiano, castelhano, catalão e português, foi por um longo tempo considerada algo popular, indigno de atenção do erudito. (p. 156)

Esta literatura serviu não apenas para solidificar os primeiros passos desses estratos linguísticos no campo de literatura, ainda que considerada inferior, como também as obras produzidas foram ganhando novas formas e é possível encontrar ainda hoje resquícios culturais desses textos. Tem-se registros de poesias didáticas, hagiográficas, e a vertente literária de maior alcance, as canções de gesta, textos que narravam os feitos épicos de um herói nacional. Por exemplo, na França, há *La Chanson de Roland*, que narra os feitos do conde Rolando, sobrinho do rei Carlos Magno; na Península Ibérica tem-se *El Cantar de Mio Cid*, do qual restam apenas fragmentos do texto, nele é relatada a história de Mio Cid que luta bravamente contra os mouros na região espanhola.

Esses poemas épicos, tendo como forma inicial os versos, logo passaram para a prosa e tornaram-se ainda mais difuso pelo continente europeu. A essa evolução prosaica, conhecemo-la como as novelas de cavalaria, que se dividem em três ciclos: o clássico, carolíngio e bretão ou arturiano. Neste último ciclo, nas

histórias, de modo geral, é comum encontrar nobres cavaleiros, leais e honrados que enfrentam grandes batalhas e, por vezes, se doam por completo às donzelas por eles amadas. É principalmente no ciclo Arturiano em que se encontram esses cavaleiros cuja ação se desenvolve pautada em preceitos cristãos, tornando-se uma personagem recorrente seja na literatura como no imaginário popular.

Os traços constitutivos desse tipo medieval, formados a partir de hipotextos² inscritos nos romances de cavalaria e nas canções de gesta, foram apropriados pela nossa cultura pop, a exemplo dos vários filmes sobre o Rei Arthur ou de outros personagens clássicos, os livros de fantasia com base histórica de Bernard Cornwell, em desenhos, séries, músicas e inúmeras outras narrativas que ainda reproduzem, a sua maneira, as características arquetípicas das histórias cavaleirescas europeias.

Dentro desse panorama, especialmente do ciclo arturiano, observa-se um caso semelhante na obra Guimarães Rosa, em seu conto *A Hora e Vez de Augusto Matraga*. Em poucas palavras, o protagonista, após escapar da morte, larga sua vida antiga e passa a viver segundo os preceitos da cristandade, buscando servir aos que estão em sua volta e acaba por se sacrificar a fim de salvar a vida de desconhecidos. Com isso, percebe-se a semelhança que Augusto Matraga assume com os heróis medievais, seja no momento final de sua vida em que se aproxima de Galaaz, o grande herói cristão; ou por toda sua trajetória de redenção assim como Palamades, mulçumano convertido a fé católica, após se deparar com a possibilidade da morte, ambos cavaleiros d'*A Demanda do Santo Graal*.

Assim, considerando a influência das novelas de cavalaria para o momento cultural e a literatura posterior, o presente trabalho tem por objetivo investigar os traços constitutivos na construção do caráter cavaleiresco, evidenciados nas novelas do ciclo arturiano, em particular *A Demanda do Santo Graal* (1989), no constructo do personagem Augusto Matraga no conto de Guimarães Rosa, *A Hora e Vez de Augusto Matraga* (2001).

Sendo assim, inicialmente, no tópico da fundamentação teórica, será demonstrada a teoria de Gerard Genette que respaldará a análise do trabalho, seguido de um breve contexto histórico sobre a cavalaria e o surgimento das novelas literárias. Logo após, iniciam-se os resultados e discussões do trabalho nos quais começará com os resumos das histórias tomadas como *corpora*, posteriormente, a comparação entre ambos os textos a luz da teoria de Genette, que se baseia na relação transtextual entre o texto A, a fonte primária, e o B influenciado pelo texto primevo.

2 METODOLOGIA

Como *corpus* do trabalho, são utilizados o conto *A Hora e Vez de Augusto Matraga* (2001) que integra a obra *Sagarana*, livro de contos do autor modernista Guimarães Rosa; e a novela de cavalaria do ciclo arturiano, *A Demanda do Santo Graal* (1989), edição traduzida para o português moderno, lançada pela Editora da Universidade de São Paulo. A partir disso, o trabalho se apresenta como uma pesquisa bibliográfica.

A pesquisa se caracteriza como qualitativa e de caráter exploratório com natureza interpretativa. As discussões serão respaldadas em autores e teorias relacionados ao objetivo da pesquisa: investigar os traços constitutivos na construção do caráter cavaleiresco no constructo do personagem Augusto Matraga no conto de Guimarães Rosa.

Desta forma, com o propósito de contextualizar a cavalaria e sua influência para a época, toma-se como suporte os trabalhos de Duby (1989), Cardini (1989) e Franco (2004). No que diz respeito às novelas de cavalaria, seus tipos, influência e o ciclo arturiano, o trabalho se apoia nos escritos de Moisés (2005), Auerbach (2015) e Zierer (2013).

Com isso, tendo estabelecido o contexto do objeto de pesquisa, os *corpora* são analisados à luz da teoria de Gerard Genette (2010) acerca das relações transtextuais.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 PALIMPSESTOS, DE GENETTE

Gérard Genette, em *Palimpsestos. A literatura de Segunda mão* (2010), discorre sobre as relações entre os textos, as quais o autor denomina como transtextualidade, ou seja, tudo que conecta o texto com outro por algum meio. Para ele, “tudo que o coloca em relação, manifesta ou secreta, com outros textos” (Genette, 2010, p.13)

Genette categorizou os vínculos transtextuais em cinco tipos: 1) Intertextualidade; 2) Paratextualidade; 3) Metatextualidade; 4) Arquitextualidade, essas que serão abordados de forma breve nesse trabalho; e por fim, a 5) Hipertextualidade, que servirá de conceito chave na análise dos *corpora*.

O primeiro, a intertextualidade, é a referência direta de um texto com outro através da citação, plágio e alusão, tal como ocorre em trabalhos acadêmicos, por exemplo. O segundo tipo é nomeado de paratextualidade, ela ocorre quando faz menção direta ou não com os elementos textuais, a exemplo do subtítulo, capa, orelha do livro e ilustrações.

A Metatextualidade acontece quando um texto se refere a outro através de um comentário crítico, havendo nomeação ou não. Neste caso, o texto que sucede o primeiro adquire o status do gênero crítica. A quarta categoria descrita por Genette é a Arquitextualidade. Conforme agrupam-se os gêneros textuais, essa classificação se dá com base em semelhanças entre eles, para classificar um texto como poema, é preciso que ele tenha características de um poema, ou seja, ele precisa ter relação com outros textos. Reconhece-se características daquele texto em outro, como no caso do poema, através dos versos e das estrofes.

Por fim, a última categoria na qual se apoiará na sua teoria, Genette a identifica por *Hipertextualidade*. “Entendo por hipertextualidade toda relação que une um texto B (que chamarei hipertexto) a um texto anterior A (que, naturalmente, chamarei hipotexto) do qual ele brota de uma forma que não é a do comentário.” (GENETTE, 2010, p. 18). Essas relações de um texto B com o texto A se configuram de duas formas: pela transformação e pela imitação.

A transformação, como o nome indica, o texto A passa por uma mudança para gerar o texto B cuja relação entre os dois é visível. O autor toma como exemplo as epopeias *Eneida*, de Virgílio e *Odisseia*, de Homero. O épico romano se inspira e resgata passagens e momentos contido na obra grega. Ou seja, ainda que se narre um outro fato, mas uma grande gama de elementos encontrados em um texto B são vistos no seu texto fonte, o texto A. Um outro exemplo mais popular são as paródias. Quando se fala da paródia de uma música, vê-se que ela mantém o ritmo, a melodia e outros elementos comuns ao texto base.

Já a imitação ainda que também possa ser encarada como uma transformação, ela o faz de modo distinto. A imitação é a *mimesis* de elementos

específicos, isso é, um texto A “para imitá-lo, é preciso necessariamente adquirir sobre ele um domínio pelo menos parcial: o domínio daqueles traços que se escolheu imitar” (GENETTE, 2010, p. 19). A imitação se traduz como uma alusão a um texto, uma referência que agrega outras vozes, mas que o leitor que a desconheça poderá compreendê-la sem grande prejuízo.

E este aspecto imitativo que se fará constante entre *A Demanda do Santo Graal* e *A Hora e Vez de Augusto Matraga*. Pois o conto modernista vem resgatar traços importantes das novelas de cavalaria encontrados n’*A Demanda*: um cavaleiro cristão, admirado por quem o conhece e cujas ações assemelham-se ao seu modelo de vida, o próprio Cristo.

3.2 A CAVALARIA E SUAS NOVELAS

Socialmente, a Idade Média inicia-se tal como os períodos históricos anteriores, existem aqueles poucos que compõe a camada superior, que agora se inscreve nesse cenário, a Igreja e seus representantes de maior escalão, e a grande maioria que prossegue abaixo dos grandes reis e senhoras, de modo geral, o camponês. Contudo, esse quadro inicial do contexto medieval vai se transformando por volta do século X, à medida que os reinos vão ganhando maiores proporções e tornando-se mais expostos a ataques vindos do estrangeiro – mouros, sarracenos, vikings - ou mesmo das regiões fronteiriças que visavam tomar o espólio de seus conterrâneos.

Cardini (1989) explica que “a dureza da época provocou, aliás, o ressurgir de constantes e profundas necessidades; por exemplo, a divisão da sociedade em três níveis fundamentais: os *oratores*, os *bellatores* e os *laboratores*. [...] os três pilares do mundo cristão” (p. 57) Ou seja, uma divisão binária já não era o suficiente para explicar o funcionamento da conjuntura cultural, eram necessários aqueles que trabalhassem a serviço de Deus (*oratores*), aqueles que produzissem o básico para a vida social (*laboratores*), e por fim, os que protegiam a todos, do servo ao nobre (*bellatores*).

A nomeação dada a este último termo é posterior ao utilizado à época, o termo propício ao seu momento era o termo em latim *miles*, o qual no século X, “era utilizada para designar os combatentes, ou, mais exatamente, uma certa categoria de combatentes, os cavaleiros.” (DUBY, 1989, p. 28). Primordialmente, *miles* ganhou maior difusão como uma divisão da classe leiga, de um lado os *rustici*, camponeses e do outro os *milites*, os cavaleiros. Com a disseminação da força armada entre os feudos, e por consequência a valorização social dessa classe, muitos nobres passaram a usar o termo como um título pessoal. Essa associação a uma classe inferior que passa para uma superior expõe como os cavaleiros em um curto espaço de tempo assumiram um papel de suma importância dentro do contexto medieval.

Antes de prosseguirmos, vale destacar que estamos aqui tratando de modo geral o processo linguístico da palavra *miles*, e por consequência as evoluções sociais ligadas a esse fenômeno. Pois, ainda que cada região europeia tenha tido seu próprio percurso, elas convergem para pontos bastante semelhantes entre si.

Assim, com a ascensão social dos cavaleiros, essas figuras passaram a marcar profundamente o imaginário popular que, por consequência, foram integrados na arte contemporânea. As canções que falavam das lendas de grandes heróis narravam também os feitos de grandes cavaleiros. Seus feitos eram eternizados nos versos populares que tão logo se adequaram à prosa e passaram a entronizar esses guerreiros com histórias mais longas e mais dignas de vitórias.

Um forte exemplo dessa evolução é a própria *Demanda*. A história recupera o imaginário cavaleiresco do ciclo arturiano, trazendo o contexto no qual Artur, Lancelote e outros personagens aparecem como pano de fundo para a nova história que contará a busca do Santo Graal por novos cavaleiros ligados a corte real. E a maneira das histórias arturianas, a *Demanda* apresenta novamente nobres cavaleiros comandado pelo mais bravo de todos, nesse caso, Galaaz. Ademais, é continuado o ciclo de histórias que envolvem feitos heroicos e acontecimentos metafísicos, como a realização de milagres e intervenções divinas.

4 RESULTADO E DISCUSSÃO

4.1 A hora e Vez de Augusto Matraga

A *Hora e Vez de Augusto Matraga* se insere como um dos contos presentes no segundo livro publicado por Guimarães Rosa, *Sagarana* (2001). Obra consagrada do autor, *Sagarana* reflete bem o estilo literário de seu criador: uma linguagem rápida, concisa, com temas que se desdobram entre o clássico e o regional ao mesmo tempo. O livro inicia com a história d'O *Burrinho Pedrês* e finaliza com a saga do cavaleiro sertanejo, Augusto Matraga, narrativas que contam vidas cheias de aventuras e próprias do sertão de Minas Gerais, mostrando que do começo ao fim *Sagarana* é um livro com grandes histórias de personagens típicos daquela região, local onde o autor situa as histórias.

Àquela altura, porém, eu tinha de escolher o terreno onde localizar as minhas histórias. Podia ser Barbacena, Belo Horizonte, o Rio, a China, o arquipélago de Neo-Baratária, o espaço astral, ou mesmo, o pedaço de Minas Gerais que era mais meu. E foi o que preferi. Porque tinha muitas saudades de lá. Porque conhecia um pouco melhor a terra, a gente, bichos, árvores. (ROSA, 2001, p. 25)

Desse modo, o conto em análise se situa no sertão de Minas Gerais e, como o título denuncia, narra a história de Augusto Matraga, ou Nhô Augusto, ou mesmo Augusto Estêves, seu nome de nascimento. Augusto é um homem iracundo, oriundo de família rica e que possui forte influência e poder onde vive, acumulando, por consequência, inimigos e disputas que se agravaram após a morte de seu pai.

Sua esposa, Dionora, cansada da vida que passava ao lado de seu marido, sendo traída e esquecida junto com a sua filha, decide abandoná-lo, recebendo também uma proposta de um homem para se juntar a ele. “Dionora amara-o três anos, dois dera-os às dúvidas, e o suportara os demais. Agora, porém tinha aparecido outro.” (HVAM, p. 369)

Além da separação da mulher, ao mesmo tempo Augusto procura resolver uma de suas intrigas com o Major Consilva, momento no qual sua vida se transformará. Após buscar satisfação com seu rival, Nhô Augusto é encurralado, espancado, marcado com ferro quente tal como um gado e em seguida jogado penhasco abaixo para morrer. Ele escapa do cruel destino através da ajuda de um casal que o encontra gravemente ferido e toma-o sob seus cuidados.

Duvidosos com o passado que aquele homem surrado tivera, supondo que para estar daquele jeito haveria de ser alguém cuja vida estava marcada de intensos conflitos, decidem cuidar não apenas da saúde física do homem, mas também de seu lado espiritual.

- Não faz assim, seu moço, não desespera. Reza, que Deus endireita tudo... Pr'a tudo Deus dá o jeito!

E a preta acendeu a candeia, e trouxe uma estampa de Nossa Senhora do Rosário, e o terço. (HVAM, p. 378)

Após algumas relutâncias, Augusto instruído pelo casal começa a se dedicar em orações e sente o desejo de ter a absolvição de seus pecados. O velho casal leva então um sacerdote para que Augusto confesse seus pecados. Enquanto o ponto de partida da mudança de Augusto se dá com a experiência de quase morte, o momento crucial para essa mudança ocorre com seu encontro com o padre, o qual aconselha:

Pois, agora, por diante, cada dia de Deus você deve trabalhar por três, e ajudar os outros, sempre que puder. Modere esse mau gênio: faça de conta que ele é um poldro bravo, e que você é mais mandante do que ele... Peça a Deus assim, com esta jaculatória: "Jesus, mando e humilde de coração, fazei meu coração semelhante ao vosso..." (HVAM, p. 379, 380)

E assim, Augusto passa a viver a sua vida. Depois que se recupera, passa a viver com o velho casal, ajudando-os e colaborando sempre, sem descansar, com todos que fazem parte de sua comunidade. Exime-se de qualquer relação carnal com mulheres e segue com afinco as palavras do padre. Mantendo-se inalterável até a chegada do bando do cangaceiro Seu Joãozinho Bem-Bem no local onde vivia.

O grupo chega na cidade e Augusto Matraga prontifica-se em recebê-los em sua casa, em contraponto ao resto dos moradores da cidade que ao avistar o grupo fecharam as portas. Ele prepara-lhes comida e passa a ouvir admirado as histórias dos homens que formam o bando. Joãozinho Bem-Bem curioso sobre o homem que os acolhera e olhava com ânimo para todos, questiona sobre sua história. Conhecendo um pouco do homem, convida-o para integrar o grupo, mas ele recusa o convite.

Incitado pelo modo de viver do bando, Augusto Matraga decide tomar uma vida peregrina. Despede-se dos velhos que o acolheram, toma um burrinho e sai em caminhada. Em meio a sua jornada solitária, ele chega sobre sua montaria a uma pequena cidade e lá estavam Joãozinho Bem-Bem e seu bando, os quais recebem Matraga com grande afeto. No instante em que Augusto chega, o bando está resolvendo uma última pendência: vingar a morte de Juruminho, um dos homens de seu Joãozinho.

Tendo o assassino fugido, o líder dos cangaceiros acertaria a conta com seus familiares. Mesmo sob os rogos do pai da família, clamando que não machucasse seus outros filhos e que apenas ele pagasse pelo erro do filho, Joãozinho não volvia de seu posicionamento e exigia que um dos irmãos do assassino pagasse pela morte de Juruminho.

Matraga vendo toda essa situação, a fim de salvar o homem que implorava pela vida de sua família, se coloca entre o velho e o chefe dos cangaceiros. "Pois então, meu amigo Joãozinho Bem-Bem é fácil... Mas tem que passar primeiro por riba de eu defunto..." (HVAM, p. 409-410). Inicia-se então um tiroteio seguido de uma briga entre Augusto e seu companheiro que resulta na morte de ambos. Os minutos finais de vida de ambos é coberto de intenso diálogo acerca do arrependimento e da salvação, com Augusto negando as glórias que naquele instante recebia e repreendendo a fúria que era destinada a Joãozinho pelo povo da comunidade. "Depois, morreu." (HVAM, p. 413)

4.2 DO MEDIEVO AO SERTÃO

O primeiro ponto de confluência entre as duas obras diz respeito às raízes dos cavaleiros. Um dos aspectos recorrentes na literatura de cavalaria do ciclo arturiano era o status de poder que o protagonista da história possuía. Na saga *d'A demanda do Santo Graal* (1989), a partir de agora DSG, o leitor acompanha a história do herói Galaaz, filho do lendário cavaleiro Lancelote, o qual esteve sempre próximo ao Rei Arthur. Com isso, reconhece-se as origens de Galaaz intimamente ligada ao que é majestoso e nobre.

O mesmo acontece em *A hora e vez de Augusto Matraga* (2001), doravante HVAM. Augusto Matraga tem a soberania marcada em seu nome. Augusto, derivado do latim Augustus, significa “1. Santo, sagrado; 2. Majestoso, venerável, agosto” (MONIZ, 2001, p. 92). Esses dois sentidos apresentados definem bem o protagonista de Guimarães Rosa ao longo do conto, mas por ora, nosso foco será na segunda definição, de majestoso e venerável.

O conto inicia apresentando Augusto Matraga. Tendo como nome de batismo Augusto Estêves, seu sobrenome apresentava suas origens, era filho do Coronel Afonso Estêves. Os coronéis no sertão designavam homens de poder que possuíam grandes extensões de terra e poder econômico. Assim, Augusto, igualmente aos cavaleiros medievais, nasce em uma família rica e poderosa.

A princípio, Matraga pouco tem dos principais cavaleiros medievais literários, um homem justo que orienta sua vida e trava batalhas pela fé. Por ser um personagem redondo, seu estado inicial é oposto do final: um homem impulsivo, iracundo e alheio à religião.

O narrador após apresentar a origem do protagonista, o situa em um espaço e tempo: “nessa noitinha de novena, num leilão de atrás da igreja, no arraial da Virgem Nossa Senhora das Dores do Córrego do Murici.” (ROSA, 2001, p. 363) Nesse local, “a gente direita foi saindo embora, quase toda de uma vez” (ibidem) e o povo tentava leiloar duas mulheres: Angélica e a outra que não é revelado o nome, apenas é denominada de Sariema. Após uma grande agitação chega Nhô Augusto e arremata a Sariema que era disputada por todos, enquanto Angélica “era preta e mais ou menos capenga, e só a outra servia” (ibidem, p. 364)

O primeiro ponto a se destacar nessa passagem é o momento inicial da narrativa. Rosa a situa em uma festa religiosa, momento especial para o povo de onde a história ocorre. Semelhantemente, na DSG, a saga inicia: “Véspera de Pentecostes, houve muita gente reunida em Camelote, de tal modo que se pudera ver muita gente, muitos cavaleiros e muitas mulheres de muito bom parecer.” (DSG, 1989, p. 19) A solenidade de Pentecostes, segundo a tradição cristã, é a festividade que celebra o momento no qual os apóstolos de Cristo e seus seguidores ficaram repletos do Espírito Santo.

E mais que o tempo festivo, na DSG, o reino de Camelote está cheio de damas e cavaleiros de bom parecer. Rosa retoma esse espírito pacífico, mas para encerrá-lo em si mesmo. Ou seja, em HVAM, as pessoas de bom parecer, “a gente direita” (HVAM, p. 363) estava indo embora do local, elas são citadas e logo tiradas de cena como num primeiro passo para a dessacralização do ambiente.

Ademais, vale ressaltar o momento no qual se inscrevem os actantes, geograficamente perto de um local sagrado, a igreja, e temporalmente, deduz-se

que nas festividades solenes da Virgem das Dores. É importante destacar esses pontos, pois os homens que estão ali, e também o próprio Augusto, tomam aquele ambiente como um espaço sagrado. E este é o primeiro ponto, ainda que efêmero, do traço religioso em nosso cavaleiro sertanejo.

Durante o leilão, quando os ânimos se afloram na multidão, o leiloeiro grita: “Respeito, gente, que o leilão é de santo!” (ibidem, p. 365). Nhô Augusto, quando arremata a Sariema e passa em frente à igreja, “parou, tirando o chapéu e fazendo o em-nome-do-padre, para saudar a porta da igreja” (ibidem, p. 367). Tomando as palavras de Mircea Eliade (1992), “todo espaço sagrado implica uma hierofania, uma irrupção do sagrado que tem como resultado destacar um território cósmico que o envolve e o torna qualitativamente diferente” (p.15). Os personagens, ainda que não se pautem diretamente por motivações religiosas, assumem a sacralidade dos ambientes.

A literatura cavaleiresca desempenhou um papel além do simples texto artístico, ela servia também como histórias para atrair mais jovens para a classe dos *miles* que gradativamente assumia um papel de importância na sociedade.

Por isso, não há bem uma cristianização da cultura cavaleiresca, mas, se se quiser, uma militarização e heroização de alguns modelos de testemunho cristão considerados particularmente capazes de conquistar, de comover, de servir, em suma, como instrumentos de propaganda. (CARDINI, 1989, p. 61)

Desse modo, as narrativas de cavalaria desenvolvem personagens que passam por uma conversão e, através dela, são exaltados e conquistam a glórias por meio de lutas santas. Esse tipo de ação ascética tem como importante paradigma a figura de Palamades, tido como “o bom cavaleiro pagão” (DSG, 1989, p. 221), uma vez que vive a perseguir a besta ladradora que matou seus onze irmãos. Porém nunca alcança seu objetivo devido sua natureza pagã, e essa busca sem sucesso que enfrenta exemplifica a necessidade da conversão cristã.

Após se encontrar com Galaaz, o herói de maior pureza da demanda, luta contra ele e perde a batalha. Para ter a vida poupada, fazia-se necessário que se convertesse à fé cristã, aceitando a condição, converte-se ao cristianismo. No mesmo instante que o faz, suas feridas são imediatamente curadas.

A conversão também é benéfica ao cavaleiro Palamades, pois após esta ação acontecer, as suas feridas são curadas por milagre divino e ocorre ainda a sua possibilidade de matar a besta ladradora. Este animal demoníaco é então destruído pelo cavaleiro, mostrando mais uma vitória do cristianismo contra as forças do mal. (ZIERER, 2013, p. 221-222)

Mas a maior glória de Palamades, mais que assassinar a besta que ceifou a vida de seus irmãos, ocorre quando ele é um dos cavaleiros aptos a ver o Santo Graal, recompensa que somente os cavaleiros mais justos obteriam. A vista disso, em Palamades é mostrado, primeiro, a necessidade da conversão dos pagãos e, segundo, através da nova fé se ganhará a verdadeira recompensa.

Nhô Augusto passa por um processo semelhante a Palamades. Tal como o cavaleiro de origem mulçumana, Augusto se abre para a religião no momento que sua vida se encontra a beira do fim, ainda que em contextos diferentes. Assim, ao se deparar com a morte, fazem-no aceitar a fé cristã.

Mais que isso, após a conversão tanto o personagem sertanejo quanto Palamades assumem sua nova fé a ponto de se tornarem um modelo. Enquanto o personagem árabe é tido como o bom cavaleiro pagão, um combatente que não nega sua honra e fé, Augusto, por sua vez, chama atenção de todos onde vive.

Todos gostaram logo dele, porque era meio doido e meio santo; e compreender deixaram pra depois.

Trabalhava que nem um afadigado por dinheiro, mas, no feito, não tinha nenhuma ganância e nem se importava com acrescentes: o que vivia era querendo ajudar os outros. (HVAM, p. 382)

Augusto ao passo que se assemelha a Galaaz em ter suas origens fixadas em famílias poderosas financeira e socialmente, traça um caminho semelhante ao do cavaleiro convertido, Palamades. Matraga impelido pelo sentimento de vingança contra o Major Consilva, que planejava matá-lo, vai atrás de seu rival a fim de resolver a disputa. Porém, perde a batalha e após se deparar com a morte, converte-se acatando as orientações do sacerdote, com o intuito de mudar de vida e alcançar sua glória.

Diferente de Galaaz e seus cavaleiros, em que a glória acontece em terra com a visão beatífica do Santo Graal e consequentemente com a salvação, Augusto goza apenas da esperança de uma redenção. “Eu vou p’ra o céu, e vou mesmo, por bem ou por mal!... E a minha vez há de chegar... P’ra o céu eu vou, nem que seja a porrete!” (HVAM, p. 381) A vida dele deve se resumir em rezar e trabalhar “fazendo de conta que esta vida é um dia de capina com sol de quente, que às vezes custa muito a passar, mas sempre passa.” (ibidem, p. 380)

Desse modo, Augusto Matraga encarna características comuns aos cavaleiros da lenda arturiana d’A *Demanda*, mas sobretudo, nota-se sua proximidade com Galaaz. Além do aspecto destacado anteriormente, Galaaz e Matraga apresentam traços messiânicos, alguns de seus feitos assemelham-se à vida de Cristo, tornando-se a criatura um reflexo difuso do seu modelo de vida.

E aqui as relações de hipertexto se alteram. Pois ainda que os protagonistas passem por episódios semelhantes, Rosa não retoma o imaginário cavaleiresco medieval para construir o desfecho de seu herói sertanejo, ele assim como os autores das novelas de cavalaria, toma inspirações nos textos bíblicos, sobretudo nos Evangelhos. Com isso, permanece a relação hipertextual, mas agora o texto A já não está mais sobre A *Demanda*.

Inúmeros são os momentos que Galaaz é o intermediário para um milagre, devido sua pureza e bondade de coração, reveste-se de uma sacralidade a quem os próprios personagens que ele encontra recorrem a sua intercessão.

O encantador começou logo a queimar como se fosse lenha seca, e foi levantando no ar tão alto, que parecia que chegava às nuvens. E para onde o levavam os diabos, começou a gritar:

- Ai Galaaz, mui santo cavaleiro, roga por mim, porque ainda acharia mercê, se quisesses rogar por mim.

Deste modo levaram os diabos ao encantador diante de rei Peles e diante de outros muitos homens bons. E quando já não puderam vê-lo, persignaram-se pela maravilha que presenciaram e ergueram-se das mesas e dirigiram-se a Galaaz e fizeram-lhe a maior honra que puderam. (DSG, p. 224)

Não é apenas pelo caráter intercessor e digno de honra que Galaaz se destaca, ao longo de toda a *Demanda*, mas como o próprio Cristo. Tal como Jesus, ele realiza milagres, a exemplo da cura de uma mulher leprosa. Ela padecia há sete anos pela doença, sendo curada apenas quando encontrasse o cavaleiro digno da realização desse milagre. Ao saber que Galaaz chegara onde estava, seu pai o chama e o herói vai ver a mulher. A sós com a mulher, ela roga que ele interceda a Deus pela sua melhora, Galaaz então retira a sua estamemha – um acessório de roupa – e entrega à mulher que o veste e instantaneamente é curada da enfermidade.

Episódios semelhantes com a vida de Cristo são encontrados nos Evangelhos sinóticos. Embora narrados com detalhes distintos, a cura do leproso realizada por Jesus também tem efeito iminente. “Ele estendeu a mão e, tocando-o, disse: ‘Eu quero. Sê purificado!’ E imediatamente a lepra o deixou” (Lucas, 5,13) E em ambas as narrativas, tanto Galaaz como Jesus ordena ao recém-curado que não conte a ninguém do que acontecera entre eles. Ademais, Galaaz também realiza a cura de um paralítico, feito operado por Cristo, que nos textos sagrados encontra-se logo após a cura do leproso.

No que diz respeito a Matraga, apenas no final do conto ~~que~~ o primeiro significado de seu nome, citado anteriormente, fará jus ao personagem: santo, sagrado. Como fora observado, Matraga no decorrer da história está mais para Palamades, um pagão convertido que se dedica inteiramente à nova fé, embora traga algumas semelhanças com o protagonista da *Demanda*. Contudo, essa relação entre Galaaz e Matraga fica mais forte quando Augusto sai da comunidade onde vivia e chega na cidade onde estava o bando que acabara de conhecer. Aqui, tal como Galaaz, ele passará por episódios semelhantes aos narrados da vida de Jesus.

Augusto chega montado em um burrico, episódio análogo a Cristo que em sua entrada em Jerusalém: “muitos estenderam as vestes pelo caminho, outros puseram ramos que haviam apanhado nos campos. Os que iam à frente dele e os que seguiam clamava: ‘Hosana!’” (Marcos 11, 8,9) Bendizendo e aclamando o homem que chegava no jumentinho. Com Augusto não é diferente. Ao chegar na cidade e notar o bando de cangaceiros, o próprio Joãozinho Bem-Bem o saúda. “Estavam aboletados, bem no centro do arraial, numa casa de fazendeiro, onde seu Joãozinho Bem-Bem recebeu Nhô Augusto, com muita satisfação. [...] Fitava Nhô Augusto com olhos alegres, e tinha no rosto um ar paternal” (HVAM, p. 405).

Bem como o próprio Cristo, o local onde o recebera calorosamente seria também o lugar de sua morte. Mais que o ambiente dos momentos finais de vida, é preciso voltar o olhar para o motivo da morte. Segundo o cristianismo, a morte de Jesus foi uma morte remissiva, ou seja, para nos redimir do pecado e nos dar a vida eterna. Inúmeras passagens bíblicas, e mesmo as falas de Cristo, nos mostram esse intuito. Matraga, por sua vez, não garante a vida eterna nem remissão das máculas da alma, mas ele se coloca contra seu amigo Joãozinho Bem-Bem a fim de salvar a família que o chefe do bando queria matar. “Pois então, meu amigo Joãozinho Bem-Bem é fácil... Mas tem que passar primeiro por riba de eu defunto...” (HVAM, p. 409-410)

A briga ocasionada pelo posicionamento de Matraga resulta não apenas em sua morte, mas também, na de Joãozinho Bem-Bem, a quem Augusto procura fazer com que seu amigo se arrependa do que cometera em vida para que sua alma seja salva. “Se arrepende dos pecados, que senão vai sem contrição e vai direitinho p’ra o inferno, meu parente seu Joãozinho Bem-bem!” (HVAM, p. 411)

Vendo a boa ação de Augusto, a multidão começa a louvá-lo como santo. “Traz meus filhos, para agradecerem a ele, para beijarem os pés dele!... Não deixem este santo morrer assim...” (HVAM, p. 412) Destarte, Matraga tal como Galaaz é aclamado como santo, o qual recusa o título e os merecimentos. E a maneira de Cristo, Augusto doa sua vida para garantir a salvação.

5 CONCLUSÃO

Com este trabalho pretendia-se analisar o personagem Augusto Matraga, em *A Hora e Vez de Augusto Matraga* (2001), a luz das principais características dos cavaleiros medievais do ciclo arturiano, precisamente no texto *A Demanda do Santo Graal* (1989). Fazendo esta relação, esperamos encontrar similaridades entre eles, a fim de mostrar como o período medieval se perpetua através da contemporaneidade.

Percebemos, portanto, que não só existem traços similares entre os personagens principais de ambas as obras, como Guimarães Rosa se espelhou em textos históricos para criar um personagem que tem não apenas raízes sertanejas, mas que é também um cavaleiro da atualidade. Em *A Hora e a Vez*, há a união entre as raízes literárias do povo ibérico e a vida das regiões sertanejas do Brasil, elas que foram tão influenciadas por seus colonizadores lusitanos e espanhóis.

Diante do exposto nota-se como o conto de Guimarães Rosa recupera os traços medievais através do seu sertão brasileiro, seja na temática ou no caráter do protagonista. Matraga assemelha-se a um cavaleiro medieval por ter se tornado um homem justo, devoto e que fez da sua vida uma entrega aos demais. Assim como Galaaz, viveu para oração, jejum e penitência, procurando assemelhar-se a Cristo em sua conduta. Assim, Augusto Estêves Matraga nos revela que o sertanejo não é, apenas, antes de tudo, um forte; ele é também o seu próprio herói.

REFERÊNCIAS

A Demanda do Santo Graal. 1ª reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

Bíblia de Jerusalém. 1ª ed. 13ª reimpressão. São Paulo: Paulus, 2019.

CARDINI, Franco. *O guerreiro e o cavaleiro*. In.: Le Goff (org.) *O homem medieval*. Tradução de Maria Jorge Vilar Figueiredo. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

DUBY, Georges. *A sociedade cavaleiresca*. Tradução de Antônio de Padua D'Anesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ELIADE, MIRCEA. *O sagrado e o profano*. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FRANCO, Hilário Junior. *A Idade Média: nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

GENETTE, Gerard. *Palimpsestos. A literatura de segunda mão*. Tradução de Cibele Braga et ali. Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2010.

MOISÉS, Massaud. *A Criação Literária. Prosa I*. 8ª Edição. São Paulo: Editora Cultrix, 2005.

MONIZ, Fábio Frohwein. *Dicionário Latim-Português*. 2ª Edição. Porto: Porto Editora, 2001.

ROSA, Guimarães. *A hora e vez de Augusto Matraga*. In.: ROSA, Guimarães. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ZIERER, Adriana Maria de Souza. *Eleitos versus pecadores: o ideal cavaleiresco n'A Demanda do Santo Graal*. **Revista Crítica Histórica**. Ano IV, nº 7, julho, 2013.